



O Gaiato

21 DE MAIO DE 1966
ANO XXIII — N.º 579 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



UM GRUPO DOS NOSSOS «BATATAS» DEMONSTRA QUE O TRABALHO FAZ PARTE INTEGRANTE DA NOSSA VIDA.

FESTAS

Calaram-se as últimas palmas, mas o eco delas não.

Zé Adolfo, combinando comigo o que havia de ser este jornal, achou que deveria rematar o assunto, este ano, ainda com uma palavra. Perguntei-lhe qual. Não me respondeu... nem eu a sei. Sei, sim, que o eco das Festas fala ainda no meu coração da causa das maiores alegrias que o Senhor me tem dado ultimamente. E sem saber qual a palavra, eis-me a cumprir gostoso (como sempre que se fala do que amamos) a recomendação do Zé.

Disse do que as nossas Festas me impressionam como concretização do espectáculo perfeito.

Disse da satisfação colhida na oportunidade que os nossos Rapazes têm de revelar os seus talentos, o seu brio, o seu amor, até a sua capacidade de sofrer e de ir compreendendo a vida pelo choque das incompreensões dos que ainda estão longe da maturidade.

Disse da felicidade, do revigoramento que representa para nós a adesão tão significativa quanto portadora de amor do nosso numeroso público. E é ainda neste ponto que me quedo, mais subjugado pelo mistério desta adesão.

Que sortilégio terá a nossa Festa? Porque virão a ela tantos que na roda do ano nunca entram numa casa de espectáculos? Porque experimentarão o rubro plateias tidas, normalmente, por exigentes e frias? Porque, se nós, embora empunhando uma bandeira da Revolução Cristã, somos, um a um, tão pobres, tão vulgares, tão defeituosos?

Recordo o que aconteceu numa vila onde a Festa se anunciou e se fez em menos de uma semana. Uma empregada modesta bateu-se ardentemente pelo encher da sala. Pediu à bilheteira uma lista dos frequentadores habituais e foi a cada um anunciar e convidar. No dia da Festa, vendida a lotação (largamente excedida à hora do espectáculo), desculpou-se de não vir pelos deveres que teria de cumprir no dia seguinte. O patrão dispensou-a. Mesmo assim ela insistiu. A razão era a necessidade de poupar. Júlio teve muito que insistir antes que ela aceitasse a oferta de um lugar.

Foi. Gostou. O que não terá ela gostado, para deixar na capa 50\$00 do seu sacrifício! Júlio deu fé. Opôs-se. Teimou.

—CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA Cont. na SEGUNDA página

MALANJE

A NOSSA PÁSCOA — É de dar graças a Deus a forma como decorreu na nossa Casa mais este aniversário da Morte e Ressurreição do Seu Cristo.

A preparação para este acontecimento foi dirigida pelo Sr. P.e Fontes e Sr. Fonseca aos mais velhos e pelo Sr. Padre Telmo aos mais pequeninos.

E felizmente o dia da Ressurreição foi vivido especialmente pela Missa e Comunhão. O convite foi feito e aceite. Não foi preciso chorar por eles não se abeirarem da Mesa Eucarística.

Depois da Missa e por volta das 13 horas tivemos a nossa refeição melhorada. E não faltaram as amêndoas que o Sr. D. Pompeu nos ofereceu juntamente com uma embalagem de rebugados, a fim de tornar o dia mais alegre aos mais pequeninos.

E mais: além do brinde que o nosso Bispo nos deu com as lambarices, alegrou-nos especialmente com a sua presença sempre paterna e amiga no dia Pascal, ficando até para almoçar connosco. Bem haja.

PARA SE SABER — É sempre conveniente dizermos aos nossos caros leitores que o nosso Lar do Gaiato mudou novamente para junto da Escola 74; mesmo em frente ao Parque Infantil. Talvez por isso, por não sabermos a nossa morada, é que nesta Páscoa se esqueceram um pouquinho dos nossos pequeninos. Olhem que não há criança alguma que não goste de lambarices!

JOAQUIM E PEDRO GRISE — Ainda não há um mês que estes dois nossos irmãos seguiram para o Serviço Militar.

O primeiro era o presente chefe maior e o segundo, sendo me-

Cont. na SEGUNDA página

AQUI, LISBOA!

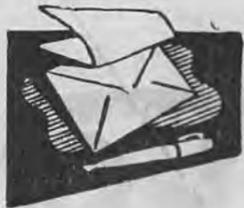
Ficámos profundamente satisfeitos com a maneira como decorreram as nossas Festas, não tanto pela actuação artística dos Rapazes, mas, sobretudo, pelo comportamento digno e interesse postos por todos, para corresponderem à amizade indefectível dos Obreiros de fora. E este sinal de vitalidade foi bem compreendido, levando a uma inter-comunhão de ideias e do estado de espírito capaz, por si só, de gerar uma vivência plena do Amor de Deus, mesado entre aqueles que dizem não O conhecer. O carinho, a simpatia e os inúmeros mimos recebidos, para lá das palmas quentes das plateias, reacenderam em nós as chamas do entusiasmo e, se nos dão uma visão da nossa grande responsabilidade, encorajam-nos também para uma dedicação, que desejávamos sempre mais firme, total, numa entrega de corpo e alma, ao serviço dos Valores a nós confiados.

A Festa da Amadora, onde fomos pela primeira vez, foi um êxito. Sala repleta, aplausos sem fim, alegria nas almas e o desejo de voltarmos. Não faltou, para cúpula, uma esmerada ceia. Ao

Reverendo Pároco se dirigem os agradecimentos de todos nós, pela gentileza e amizade demonstrados, polarizando os seus próprios sentimentos e os dos



OS NOSSOS RAPAZES FIZERAM TODOS OS ESFORÇOS PARA AGRADAR AOS INÚMEROS AMIGOS DA OBRA DA RUA, QUE TIVERAM A FELICIDADE DE ASSISTIR ÀS NOSSAS FESTAS.



Uma Carta

«Fui de romagem, no passado Domingo, até Paço de Sousa. Há uns bons vinte anos que o não fazia.

Eram então, mais pequeninos ainda que os Batatinhas, os cedros da avenida. Nem o coração da Aldeia rescendia ao aroma das glicínias que emolduram a Casa-Mãe e o alpendre da Capela. Vi tudo. Cheirei tudo. Vi carros e carros a subir e descer a avenida com a mesma devoção com que se vai ganhar um Jubileu ou visitar um Santuário.

O meu amigo não estava. Andava por lá a trabalhar... como diria o Carpinteiro do Ben Hur a respeito do seu filho. Falei com o Eusébio, um adorável pretinho que me apeteceu roubar e trazer comigo.

Perguntei-lhe quem o trouxera ali...

— Que foram uns senhores da tropa que vieram da Guiné.

— Se gostava de estar lá...

— Que sim. Que ali não havia guerra!...

Não lhe perguntei mais nada. Não fui capaz de lhe perguntar mais nada!...

Senti-me tocado daqueles olhitos vivos e espertos por detrás dos quais adivinhei toda a tragédia igual à de tantos Eusébios que por lá andam, perdidos na floresta imensa.

— Que ali não havia guerra!!!...

Que lance aquele para uma novela trágica!...

Perdoe-me se um dia aí voltar a roubar-lhe o Eusébio ao seu amor de Pai,

UM PAI»

Cont. da PRIMEIRA página

único do automóveis, era o que cheirava o nosso Lar na parte disciplinar.

Tanto o Joaquim, que é carpinteiro, como o segundo, procuraram sempre cumprir os seus deveres como gaiatos dentro das nossas Casas e por isso mesmo esperamos que eles sejam lá fora, quer no Serviço Militar, quer fora do Quartel, uma bandeira da Obra da Rua. Que estejam cientes e conscientes que o que fizerem, quer de bom quer de mau, será para elevar ou fazer sofrer os que trabalham na sua função.

Como já aconteceu com a despedida do Manuel Cardoso, com estes dois aconteceu a mesma coisa. Tivemos um jantar melhorado e de festa e eles podem ficar sabendo que também nos lembramos deles nas nossas orações quotidianas. Aqui a alegria; aqui é que está a amizade.

No fim da refeição que correu na maior das ordens, e como todos os assistentes são uns «avéculas» para fazermos discursos, o Sr. P.e Telmo sempre se resolveu a começar e a acabar o mesmo com um desejo sincero de que se dessem bem com a «manga de capotes».

A estes dois irmãos, a comunidade desta Casa do Gaiato de Malanje deseja-lhes muitas feli-

Malanje

idades e um breve regresso, depois do dever cumprido.

.....

VISITANTES — Eles têm sido muitos. A nossa aldeia está a ser um ponto turístico desta cidade planáltica.

Não temos portas à entrada e mesmo que as tivéssemos estariam sempre abertas. Por isso sejam sempre bem vindos. A vossa visita dá-nos sempre muita alegria, mas aproveitamos a ocasião para lembrar a alguém que não é nada bom e educativo para os nossos rapazes verem um ou outro visitante a mexer nas frutas das nossas árvores.

Ora, sempre que a ocasião se proporciona, estamos a aconselhar os nossos pequeninos que não devem mexer nas ditas, pois quando se colher será para todos e não para um ou dois e por isso é triste eles presenciarem as pessoas de fora a fazê-lo.

Ainda sobre visitantes, tivemos em nossa companhia o Octávio da Casa de Miranda, juntamente com a sua esposa e dois filhos que estão a trabalhar numa empresa lá para Salazar e que vieram matar saudades passando connosco o Sábado e Domingo de Páscoa.

Ficamos muito satisfeitos com a visita e quando quiserem venham por aí acima pois a Obra continua a ser a mãe carinhosa, que tu, Octávio, conheceste nos tempos da tua meninice e adolescência. Este um dos pensamentos de Pai Américo na revolução pacífica da Assistência Social.

.....

AGRICULTURA — Temo-nos dedicado um pouco a ela. Tiramos da terra algum tabaco; os abacaxis têm dado muito bem e no tempo da fatura consolámo-nos de os ter à sobremesa e vender muitos. O milho, como sempre, é só deitá-lo à terra. Mas foi pena que não tivéssemos instalações apropriadas para o guardar depois da colheita, pois assim perdeu-se algum. Lá virá o tempo que o cultivaremos para fazermos a nossa boroa. Sim, que a padaria está já no telhado. E com a fartura de lenha que há por estes lados, não teremos dificuldade de aquecer o forno.

Os cafeeiros têm sido capinados nas devidas alturas e com a plantação de mais umas centenas de pés do mesmo arbusto, daqui a uns anos esperamos que este pague a despesa que temos no seu amanhã.

.....

VISTAS DE DENTRO — O André, mais o Eduardo e o «Zé Bomba», como lhe chama a rapaziada, não são lá muito espertos em aprender as primeiras letras, mas têm muito bom coração e esta qualidade vale muito. Ora, ultimamente têm sido fegos à merenda (mata'icho) e eu tenho-me regalado a vê-los fazerem a distribuição dos seus pelos

companheiros que andam com eles na escola.

Não é preciso irmos mais longe; não é preciso ouvirmos grandes discursos para ouvirmos falar do amor ao próximo. Estas crianças na sua simplicidade de darem daquilo que também lhes saberia bem, fazem ver a quem tem olhos para tal como se pratica a caridade.

Continuai queridos pequeninos a não serdes soberbos para os outros. Continuai sempre com um coração aberto para os vossos companheiros, pois Deus vos recompensará dos figos e do pão que tirais à boca para, irmamente, e por amor de Deus, distribuídes pelos que o não têm.

.....

IMAGEM DE NOSSA SENHORA — Esta está lá muito bem colocada na gruta vegetal, juntinho à lagoa. E fica lá muito bem. Lá isso fica. Mas o que não está lá muito certo — e aqui pedimos a fineza de nos entenderem — é que lá ponham as esmolas junto à árvore.

Nós gostamos muito mais e é muito mais educativo, que essas esmolos sejam entregues a um dos rapazes. Agora ainda não temos cicerones, porque somos poucos, mas havemos de tê-los, os quais hão-de ser encarregados de mostrar a Aldeia às boas almas que nos visitam e serão eles que receberão as esmolos. Aos rapazes, sim, é que é acertado entregar o dinheiro a fim de estes entregarem a quem de direito. E se às vezes o donativo for parar às mãos de alguém que tenha a mazela de ficar com o que não é só seu, então terá ocasião de travar a luta que o levará a ser um homem. É nas ocasiões que «cada um tem de ser guarda vigilante de si próprio e responsável de todos os seus actos».

.....

MAIS UM VISITANTE — Quando da sua visita ao Distrito de Malanje o Senhor Secretário Provincial da Educação esteve entre nós uns minutos, em que visitou os nossos officios escolares, tanto o antigo como aquele que está em construção; e para já recebemos uma ajudazinha que nos veio mesmo a calhar.

Muito penhoradamente os gaiatos de Angola agradecem o donativo já recebido e tudo o mais que se dignar fazer em favor deles pelo tempo fora.

.....

CASAL AMÉRICO — OLIMPIA — Este nosso Casal da Casa de Benguela tem estado connosco a passar uns dias de descanso. O ano passado fomos lá nós e viemos bastante restabelecidos. E como é bom comungar com quem abraça o mesmo ideal! É que às vezes a Cruz é pesada! E se não fosse a fé em Deus, era demasiada para as nossas forças.

Fernando Dias

Cont. da PRIMEIRA página

Mas desta vez venceu ela. O que não terá gostado?! Que sortilégio terá a nossa Festa?!

Nessa mesma noite, de olhos brilhantes de prazer, o gerente desse Teatro confessava, com a simplicidade de quem se não ufana, mas quer dizer expressivamente o que lhe vai na alma: «Há 18 anos que aqui

FESTAS

Quem anda nisto, sabe quão caros são estes alugueis. Pois quando, em paga, oferecemos

mos ser, ao menos...) tão sedutores, como o somos em grupo—não por virtude nossa, mas por virtude da bandeira da Revolução Cristã que empunhamos?!

.....

Para rematar, deixo aqui um desabafo de Guimarães, de alguém que assistiu à nossa Festa na cidade berço:

«Estive na vossa Festa. Como não podia deixar de ser... Quería dizer-vos o que então pus no calor dos aplausos e vós não visteis: as minhas felicitações por ela toda. É que, para além da corrente de simpatia e amor que se presente entre vós e a sala, houve muito quem salientasse o seu nível artístico. Esta frase ouvi eu a alguém: «no forjar deste espectáculo, adivinha-se já um grau de cultura fora de comum em pessoas humildes...»

Mas que isto não seja motivo para vaidades vãs. Sim, estímulo para que continueis com a certeza de que o vosso público não é apenas «a mãe carinhosa» que acha bem tudo o que o filhinho faz. O vosso público aprecia-vos também no que possúis de valor autêntico, independentemente do muito que vos amo.

Na «nossa» Festa houve apenas um pormenor que destoou do conjunto: Os embora poucos lugares vazios que havia na sala.

Quando haverá em Guimarães vibração em cheio ante a vossa irresistível presença?»



AI TEM O VARELA, O BATERISTA DAS NOSSAS FESTAS.

estou. Foi a primeira vez que comprei o meu bilhete».

E que dizer dos que colaboraram silenciosamente, precisamente? Dois meses duraram as nossas Festas. Dois meses tivemos connosco um guarda-roupa de duas centenas de peças e numerosas cabeleiras.

ao Sr. Valverde e ao Sr. José Gomes bilhetes para o Coliseu, eles não queriam aceitar e não foram parcos no agradecer!

Que sortilégio terão as nossas Festas?!

Quando acordaremos nós para sermos cada um (tentar-



Não há dúvida que hoje uns — muitos — possuem dinheiro em abundância e outros — muitos mais — vivem com extrema falta de dinheiro. Mas também é certo que se gasta muito desordenadamente; e isto independentemente de haver pouco ou muito nas mãos dos possuidores. É o luxo, é a moda, é a imposição da sociedade. E é também o vazio de cada um que se quer encher com outros vazios, para ainda se ficar mais oco do que já se é.

Mas, a par da banalidade e futilidade de tantos, há o pensar acertado de muitos, que vêm as coisas por outro prisma e se deleitam de outro modo — fazendo o bem: dando-se a si mesmos a alegria de repartir do que têm com quem não tem. É um critério. O daqueles que sabem e encontram a alegria dentro de si próprios, no eco que fica do bem que se fez. Nesta carta tão simples podes confirmar o que digo:

«Hoje em dia para uma rapariga solteira não falta onde gastar dinheiro. As montras dos estabelecimentos são uma tentação mas às vezes gasta-se tanto mal gasto. Hoje não estou disposta a isso e lembrei-me de vós. Aqui, pois, vos deixo as economias de uma humilde operária».

Esta é de Coimbra. Não sei se senhora, se rapariga. Sei que tem o coração muito grande e aberto ao bem. Trás 500\$00 e diz que quer tornar todos os meses. Quem é digno de tal?

Agora é um casal de Santo Tirso. Vem com mil nas mãos para festejarmos com ele os seus vinte e cinco anos de casados. Este perder do dinheiro nas mãos dos Pobres só dá alegria a quem no faz. Como o mundo é tão diferente no modo de pensar! Uns só pensam em possuir; outros em libertar-se do dinheiro, não venham a cair na armadilha que ele costuma teer para quem o ama.

Mais outra senhora do Porto. Está aqui com suas economias, três mil escudos! Chama-se Elvira. O Pai do Céu conhece-a bem. E logo a seguir uma criada. Lê o que ela escreve. Mas repara também no traje que usa, para assim lhe colheres melhor toda a beleza da alma que possui:

«É meu costume enviar 60\$ pela Páscoa, tenho pena de não poder aumentar, mas como já disse sou criada de servir e com grande encargo de minha mãe que a tenho entrevada e desvio muito do meu ordenado para que minha irmã olhe por ela o meu mês. É para o Calvário o nada que envio e peço perdão pelas letras mal escritas. Maria».

Está aqui alguém do Dundo — Angola. Tem lido pela mesma cartilha:

«Junto 200\$00. Votos de boa saúde e pedido de oração para que Deus nos dê o melhor bem do mundo «saúde» para poder continuar a trabalhar e não me esquecer dos mais necessitados do que eu».

Estão aqui outros mais silenciosos. Mas nós adivinhamos neles o mesmo palpitar. Duas irmãs muito amigas, do Porto

CAL + VA RIO

com 500\$00. Mãe de sete filhos com a costumada lembrança mensal. M. Júlia com 50\$00 pelo pai. Etelvina, da Foz, com 240\$00. João com 20\$00. Anónima da Rua das Papoilas muito certinha todos os meses com 50\$00. Alguém com «percentagem da pensão que recebo». Leonor com 20\$ e Ernestina com outro tanto. Amiga de Palhaça com 250\$. M. Júlia com rádio e 150\$00. Carolina com 500\$00. Serafim com 50\$00. Maria José com o dobro. E médica com 500\$00. Funcionário com 30\$00. Três anónimos com 70\$00. Assinante com 100\$. «O que sempre tem sido um zero» trás outro tanto. Este pede orações pelo filho transviado. Adelaide de Lisboa com 1.100\$00 de promessa feita. Fernanda com 20\$00. N. G. da capital com uma migalha. Rosa Celeste com 50\$00. Firmino com 20\$. Assinante com igual quantia. Madalena com 50\$00 e Elisa de Belas com outro tanto. Doente para doentes dez vezes mais. Cruz da Beira com 100\$. Ventura com 250\$00. Ascensão com 100\$00. Maria de Carrazedo com outros 100\$00. Amália de Vila Real, com 250\$00. Explicadora que pede auxílio do Alto para seus alunos com 100\$00.

Cont. da PRIMEIRA página

seus inesquecíveis paroquianos. No Monumental excedeu-se toda a expectativa; foram horas grandes, tão entusiásticas e sentidas, que nos atrevemos a afirmar termos saído todos mais ricos. As cartas recebidas ou as palavras ouvidas de viva voz, por sinceras, atestam o amor de que somos alvo e dão aos Rapazes e ao Padre da Casa uma noção exigitiva de mais acertar os passos, numa caminhada nem sempre isenta de espinhos, mas de qualquer maneira bela e nobre. À Empresa do Monumental e a todos os seus servidores um sentido muito obrigado.

Nas Caldas, por sugestão de um incansável Amigo, que se manteve sempre no anonimato, comparecemos também pela primeira vez. Não tivemos uma Sala cheia, mas apalpamos a felicidade que é ter à nossa volta os Amigos da primeira linha naquela simpática cidade. Já nos pediram para voltar e, se os Caldenses assim o entenderem, lá estaremos para o aao, se Deus

Também nos mandaram uma cadeira de rodas.

De Alvide — Caseais, 1.000\$. De Braga 40\$ todos os meses. De Lisboa 250\$00 para os doentes e «que eles rezem por nós». O Porto está agora bem presente nestes dois anónimos mensais. O primeiro é A. Ramos. O segundo é da Sociedade de Cristais. De Coimbra mais 100\$00. Em memória de Saturnina 250\$00. De Chaves, 20\$00. De Rebordões 25\$00. Do Estoril, Maria Fernanda com o dobro. De Aleoça, 40\$00. Outra vez do Dundo mais 200\$00. De Oeiras, 50\$. De Castromil, 500\$00. Do Dão 20\$00. De Esmoriz o dobro. De Viana, 50\$00. Do Porto, 40\$00. De S. Mamede de Infesta metade. De Matosinhos outra vez o dobro. De Cernache de Bonjardim, 50\$00. De Barcelos, 200\$00. De Gerez, 20\$00. E de Braga outro tanto.

Ainda aqui se apresentou uma senhora do Porto com mil.

Vieram roupas de Pombal e de Ilhavo.

Humilde portuense ora com 100\$00 ora com 200\$00, e sempre «pela saúde de meu bom marido».

Eulália fez quete entre engenheiros e funcionários da Secil, em Lisboa e manda-nos 1.000\$. De Lisboa mais 720\$. E do Dafundo 100\$00. M. Edwiges com 60\$00 e mais o prémio da lotaria. Outra vez Lisboa com 500\$00.

Esta presença de há anos é igualmente da capital. Conheçamos a letra: «oferta para o Calvário». Admiramos a constância.

Torna o Porto. É o Abel com 500\$00. E vem também o avô a dizer-nos que o neto vai em cinco anos, aqui contados todos os meses, com 50\$00. E é gente do Porto que de novo chega com 500\$00 e bolos e doces. Chama-se Umbelina.

Outros estão a chegar. D iremos deles brevemente.

Padre Baptista

PATRIMONIO DOS POBRES

Só a atenção tão dissipantemente solicitada por tantos objectos, explica o longo silêncio que esta coluna tem sofrido. Não — graças a Deus — que a Obra tenha parado por esse país além! Esperamos, mesmo, um dos próximos números (logo que Júlio saia do turbilhão que as Festas produzem) dar contas, como é costume, do que foi a actividade do Património e seus ramos derivados no ano de 1965.

Temos entre mãos cartas cheias de sugestões para lembrar doutrina: umas porque sim; outras porque não. Tomamos uma delas. Por sinal, esta é negativa:

«...venho dizer a V. que será bom pôr um travão à concessão de donativos porque senão não me deixam nem os deixam».

Tudo se sabe, e atrás duns vêm outros. Já me custa fazer qualquer pedido porque conheço que é um abuso.

Como geralmente se dirigem aí em primeiro lugar, eu peço que se desculpem de qualquer forma; de contrário vêm logo cá».

Um equívoco primeiro aqui se revela: tomarem-nos por encruzilhada de assistência em vez de ponto de encontro da Caridade.

Nós somos Igreja. «A Igreja não faz assistência; faz Caridade» — definiu lapidariamente o nosso Bispo, de uma vez para sempre.

A Caridade gera a Justiça e esta consiste em dar a cada homem aquilo a que ele tem direito. Não será direito de cada homem ter casa que o abrigue, que seja sede da Família a que pertence? É — e um dos mais primários direitos do

homem. Por isso a Igreja, que é Mãe, sofre que tal direito não seja um facto consumado para todos os homens. E quando topa alguém a quem este direito não foi prestado, arranca pela Caridade num movimento de Justiça e não para (ou deseja não parar) enquanto não houver «tantas casas quantas as Famílias sem ela».

A Verdade da acção que desencadeia, não é, pois, fazer alguma coisa para se desquitar; ou fazer demais para ornamentar a fachada. É fazer tanto quanto é necessário para que a Justiça seja de facto — e só!

Por isso não vale no caso o «não me deixam nem os deixam». As Mães são para ser incomodadas. A quem é que os filhos pedem pão? A Igreja é Mãe e pobre. Muitas vezes não tem com que responder ao que os filhos legitimamente Lhe pedem. Então tem o coração para sangrar. Que o digam as mães obrigadas a entreter com palavras a fome dos filhos!

Mãe que Ela é, alegra-se com tudo o que seja erguer dos filhos caídos. E se, como «tudo se sabe, atrás duns vêm outros» — óptimo, porque a ressurreição de uns foi causa exemplar de um anseio de vida melhor que, por culpa das nossas omissões, tinha morrido no coração de outros!

Por nós não tomamos como abuso o repetido bater à nossa porta. Julgamo-lo zelo. E só nos pesa não podermos atender tanto quanto era preciso. Mas quando não temos mais, temos isso — pena! E a pena, conscientemente aceite e oferecida, é um valor de redenção que a Igreja nos ensinou a entender e a amar.

Sòmente, ficamos tristes quando se nos dirigem em primeiro lugar. É que deviam ter encontrado a Mãe mais próximo do que lhes sonros. E como não prescindimos de nada que deixe equivocar os filhos sobre quem é que «lhes dá os seios» — não acolhemos quem se nos dirige em primeiro lugar. Antes os remetemos aonde primeiramente devem encontrar a Mãe: pertinho da pia baptismal onde Ela os gerou para a Vida.

Visado pela

Comissão de Censura

Aqui, Lisboa!

quiser. Para aqueles que tornaram possível esta digressão vai igualmente, um bem-hajam.

Acabadas as Festas regressámos à vida normal, cansados, mas felizes. Já ouvimos à nossa volta, entretanto, projectos para o ano futuro e o desejo de possuímos um acordeão e uma bateria para «abrilhantar as próximas Festas». Não dizemos que sim nem que não, mas acreditamos que, se for da vontade de Deus, os possuiremos certamente.

Finalmente, para concluir o assunto das Festas, não deixamos de transmitir o único senão: a ausência daquelas pessoas que, comprando lugar, não comparecem para conviver connosco. Para a outra vez será melhor não adquirirem bilhetes, dando possibilidades aos inúmeros Amigos que não conseguem, por tardios, a graça de comungar da nossa vida. É que, muito mais que o

dinheiro, é interesse nosso o partilhar de sentimentos e o convívio no escasso tempo do espectáculo, numa interpenetração de almas e de corações. Entendido?

«Não temos rádio», eis a voz corrente entre os Rapazes. E nós sabemos ser verdade a lamúria que a todo o instante nos atiram aos ouvidos. Por isso, aqui a deixamos expressa, aguardando melhores dias...

Padre Luiz



PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

* **AS NOSSAS OFICINAS** — Andamos nos acabamentos. Muitos vidros, muitas tintas, mais portas, mais janelas, um rol de dinheiro que gastamos, e não o temos. Estamos todos ansiosos por ver as nossas oficinas a trabalhar a cem à hora. Precisamos que nos ajudéis. Se cada um nos quisesse pagar um vidro!... Os calotes que temos nas casas que nos fornecem, não dojam tanto. Um vidro dum lado, um azulejo doutro, não nos custa tanto. Vamos ver a precisão.

* Os nossos maiores foram para retiro. Eu fiquei de oficial de dia. Chamei alguns dos que ficaram, e pedi-lhes que me ajudassem. Quim, foi chamado mais ao de cima. Quando ele actuava, eu punha-me ao largo. Reparava, olhava, sentia-me feliz. Quim compreendia a responsabilidade e actuava como «manda a lei». Que bom quando eles sentem a noção da responsabilidade! A divisa da nossa Obra, vai tendo o seu sentido no viver dos nossos rapazes. Quando ela for vivida à pressão, temos o paraíso. Que cada um tome a si a responsabilidade e que sinta, que trabalhando para a sua família, vai angariando valores que são uma herança para o seu futuro.

* **AS NOSSAS FESTAS** — Estamos contentes: Nós sentimos que o Vaticano II se vai sentindo, e Pai Américo se vai fazendo compreender. Os homens querem e têm fome de conhecer a Verdade. As Casas do Gaiato e a Obra da Rua esforçam-se por A viver e mostrar, para que os homens a sintam e vivam. Nós fomos ao Barreiro. Embora meia dúzia nos acolhesse com calor, somos ali ignorados pela maioria.

Eu não conhecia o Barreiro, e agora, que percorri as suas casas de

comércio a entregar prospectos, amando ainda mais: Cristo só entra onde O levam vivo. Nós fomos ali por via disso. O Barreiro entrega-nos muitos rapazes. Por isso nos devia amar mais. O Cristo no próximo, é ainda ali uma palavra sem calor. Temos ali meia dúzia de Amigos, que choram esta desdita. Outros não se aproximam daquela frieza, por via dos respeitos humanos. Para estes diz o Senhor: «...Eu estarei convosco...». Setúbal, embora a lotação se não esgotasse, fez com que ficássemos contentes. Os nossos amigos vão sendo de marca registrada. Eu senti o calor dos seus corações, e vi nas capas negras o óbulo da Viúva do Evangelho. O porteiro não saltou com a sua remuneração daquela noite. Os nossos mais velhos estão de parabéns pelo esforço e sacrifício que puseram nesta Festa que é nossa: é dos grandes e dos pequenos, é da Família que os quer resgatar e colocar na Sociedade com poder de iniciativa e respeito pela sua própria consciência. Obrigada à Gerência do Luiza Tody, ao Sr. José, seu fiel. Obrigado a todos quantos nos amam e querem amar.

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

* Verde e azul, é fraca combinação; porém o verde do arvoredo é mais belo sob um azul do Céu. Céu azul, sol quente, árvores floridas! É assim o cenário da nossa Aldeia. São as andorinhas que voltam, é o cantar de um grilo, são os jardins em flor, é o bom tempo que volta a sorrir. Há mais alegria. Há mais cantigas. Os dias de inverno partiram, deixando aberta a cortina do sol e do colorido. As sementeiras surgem à face da terra

e os ramponeses de calça arregaçada levam a água a cada planta nascida. É assim a nossa Aldeia; vem e verás tudo isto feito com trabalho e amor.

* O Amândio é o «batatinha» mais pequenino da nossa Casa de Paço de Sousa. Anda com os quatro anitos e é a nossa alegria. Todos o querem pegar ao colo para o acariciar, ele porém também tem as suas conveniências, e recusando-nos a todos vai para junto da filhota do Sr. Abilinho — nosso professor primário — e ei-lo de braço dado com toda a descontração! Se algum de nós quer pegar na sua parceira para alguma meiguice, o Amândio protesta imediatamente: «deixa-na ela é só minha». O remédio é deixá-los, caso contrário temos o Amândio zangado; assim limitamo-nos a olhar o parzinho todo romântico dando abraços e beijos à frente de toda a gente!... Ora vejam os descaçados!!!

* O «Bessa» é uma das figuras típicas da nossa Aldeia. Já não é a primeira vez que é falado nestas colunas, porém ele é sempre novidade. Agora declarou-se «D. Juan». Pois o nosso «Bessa» ultimamente não fala de outra coisa e não ser das suas famosas «conquistas» amorosas! Aqui há dias pediu ao chefe se o deixava dar uma volta por Cete porque em Paço de Sousa, já não havia que conquistar! Pela sua boca nesta zona não há moça que lhe resista. Aos domingos não há quem se apresente melhor, e então o cabelo nem se fala, desde que tirou o modelo ao Calvário, tem sido um caso sério. Tudo isto é crónica do «Bessa». O mais engraçado é que o nosso homem anda sempre de mãos abanar porque não há quem lhe passe cartão! Vontade, não lhe falta. Esperemos que uma a vontade à coragem e se lance ao ataque para vermos se aranja novo episódio para esta coluna.

João da Rocha

MIRANDA DO CORVO

* **SEMENTEIRAS** — Os do campo nesta altura principalmente, não têm mãos a medir. A quinta é grande e eles são poucos. Como há pouco tempo os dias começaram a ficar mais soalheiros, foi desde então que nos temos atirado a valer às nossas sementeiras.

Ele é milho, feijão, batatas, legumes, etc.. Como é muita coisa ao mesmo tempo, os das oficinas deram um salto até ao «Olival dos Poços» e ajudaram.

Este ano semeamos o dobro de batatas do ano passado. Isto é só para que saibamos que elas não vêm na cheia, mas sim que para as termos de comer temos primeiramente de as semear e cuidar.

O feijão que é um dos alimentos base cá da rapaziada também nos fez suar a testa. O milho igualmente teve que ser em grande quantidade

visto que a hora não pode faltar.

Para fazerdes uma pequena ideia do que por cá tem sido a azáfama das nossas sementeiras, apenas um pequenino apontamento destas: Sábado passado eram 11 horas da noite e ainda Elirio tocava os bois para ver se acabava de gradar a terra; aos demais dias da semana era das 6 da manhã até ao fechar do dia.

Foi um verdadeiro trabalhar de sol a sol, mas graças a Deus, tudo agora está em ordem.

O milho já anda a ser sachado; por enquanto não é trabalho de muita pressa, mas terá que o ser brevemente.

Aniãhã já vamos saborear fruta e da ma's saborosa das árvores do nosso pomar: vai haver cereja e nêspers. (Só é pena terem caroços).

Pois em nossa Casa é assim. Como quem não trabuca não manduca todos têm de trabalhar para que o pão nosso de cada dia não falte na mesa. Graças a Deus que não tem faltado.

António Ferreira da Silva



A minha leitura espiritual tem sido pelos escritos de Pai Américo. Que gosto! Que beleza! Que sobranatural! Apetece-me não pegar na pena, de tão aquém que me encontro. Mas cada um não pode enterrar o talento que Deus lhe confiou. Eis porque tenho de escrever.

Hoje vou dar conta das tuas presenças. Não chamo esmolos e tu não digas tal nome. Esmola parece ser afronta às necessidades e aflição dos irmãos. É a tua colaboração. É participação na vida da Obra que é tua.

As minhas aflições contadas depois do Natal entraram na tua Alma e tiveram eco. Lisboa parece ter sido quem mais ouviu e entendeu.

Cinquenta de pároco amigo; cem de Leiria, de uma Coimbra adoptiva; o mesmo de Espinho; mil e quinhentos de Galizes de quem deu a mão desde a primeira hora; novecentos de Aveiro a Pai Américo; vinte de Viseu; quinhentos em vale de correio de Santarém; cem do Fogueteiro, com um abraço; quinhentos, mais mil, mais vinte alqueires de milho de Casal vizinho; mil de vizinho que está sempre connosco; sessenta e a visita das escolas primárias de Carapinhos e Vila Mar; uma bola de um grupo de Tomar; encomendas da mesma terra; cinquenta das Caldas.

De Lisboa: cem, mais roupas e muitas cartas com quantias para a viúva da Pedrulha; mil de Helena; duas dúzias de lençóis de Senhora que está presente às necessidades de todas as nossas Casas; quinhentos mais quinhentos para o Manuel e outros; quinhentos para as obras da Casa Mãe; cem de Senhora

que escreveu da cama; cento e cinquenta enviados para Santa Cruz.

De Coimbra: cinquenta, mais vinte, mais cinquenta, mais cem, mais cinquenta, mais cem, mais cinquenta, mais o mesmo, mais o mesmo ao Prior, na Igreja e à porta de Santa Cruz; sessenta em vale do correio; cinquenta da mão amiga do Dr. Juiz.

Cem por sacerdote estrangeiro; o mesmo doutro numa reunião; cinquenta de quem não conseguiu bilhete e se regosija com a Festa no Avenida; sessenta e a visita do Colégio Martim de Freitas; mil e amêndoas e uma visita muito paternal e amiga; vinte na rua; cem num estabelecimento; duzentos e cinquenta da Senhora de todas as datas mais festivas; duzentos e cinquenta da Auto-Industrial.

Quatrocentos das eternas amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; quinhentos e amêndoas de quem traz sempre os filhinhos. Mais do que aquilo que deixam estes pais levam para a formação dos filhos. Estes filhos nunca hão-de esquecer os outros irmãos.

Mil e mais cento e cinquenta da Senhora que aparece sempre com todo o silêncio; um fato para dia de Páscoa; cinquenta e mais vinte para amêndoas aos vendedores.

Duzentos em loja amiga; seis mil e quinhentos levados por Senhora ao Lar; cinquenta em vale de correio; encomendas e envelopes deixados no Castelo; roupas e mobílias que fomos buscar; cem por alma de dois familiares; cinquenta de «uma Mãe»; quinhentos em carta levada ao Lar.

Padre Horácio

AREIAS do CAVACO

A distância que separa a Casa que ora habitamos da Aldeia em construção, não vai além das cinco centenas de metros. Sempre que possível tiro algumas horas do dia para estar no meio dos operários. Este convívio dá oportunidade de viver, mais de perto, alguns dos seus problemas e de os resolver também.

Há dias, veio ao meu encontro um dos trabalhadores da Casa-Mãe. Precisava de aumento de ordenado. Que o dinheiro não era suficiente para o seu sustento e da família composta de 5 filhos.

Ouvi. As razões eram de ponderar. Encontros semelhantes já os tive mais que uma vez. Mas nem sempre os motivos eram justos como estes do nosso trabalhador.

E fiquei contente. Colhi infor-

mações do seu modo de viver. Quis ver os filhos. Mais contente fiquei. Só assim, descendo a casa deles; abandonando a secretária; tocando com as nossas mãos, os nossos pés, os nossos olhos nos seus problemas, daremos ajuda eficaz. E o nosso homem confiou em nós e nós nele. Ficou contente e nós também.

.....

Parei junto das oficinas de Carpintaria e Serralharia em estado adiantado de construção. Ainda longe, ouvi o rancar dos motores da tupa, garlopa, desgrossadeira e serra de fita.

Vi as tábuas a deslizar por sobre as mesas das máquinas. Mas nada me prendeu tanto como a camisa molhada de suor de dois dos nossos rapazes abra-

çados às mesmas tábuas, puxando, empurrando e alinhando.

E, ali mesmo, pedi ao Pai do Céu por aqueles que nos deram as máquinas da nossa Carpintaria. Ao lado, a Serralharia. Os carpinteiros pregaram o cimbres das colunas e das vigas. Entrei. Pensei nos nossos rapazes que querem aprender a arte de serralheiro. Pensei no rapaz que vai orientar a oficina. O mais difícil está resolvido. Resta o mais fácil: as máquinas para a oficina de serralharia.

Se os homens de dinheiro quisessem aplicar o capital que nenhuma falta lhes faz em negócio altamente rendoso, davam-nos as máquinas para a serralharia. Os lucros são certos, compensadores: Rapazes da Rua transformados em elementos úteis à sociedade.

.....

Desta vez, não vos dou conta do que pusestes em nossas mãos. Foi tão pouco, que o Américo ao pagar aos operários viu que ainda faltava dinheiro para dois. Hoje vou para a rua.

Padre Manuel António



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE